

José Fonseca

Médico, doutor em psiquiatria (FMUSP), coordenador do Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento.

ONDE ESTÁ O RECONHECIMENTO DO ‘ELE’ NA MATRIZ DE IDENTIDADE? INTERSEÇÕES ENTRE MORENO E LACAN

Resumo

Propõe-se a introdução da fase do reconhecimento do ‘Ele’ no conceito de matriz de identidade de J. L. Moreno, a partir de interações inspiradas na obra de Jacques Lacan.

Abstract

It is proposed the introduction of the phase of recognition of the ‘He’ in the concept of matrix of identity by J. L. Moreno, inspired in the Jacques Lacan’s work.

Palavras-chave

Reconhecimento do Eu, reconhecimento do Tu, Reconhecimento do Ele, matriz de identidade, Moreno, Lacan.

Keywords

Recognition of the I, recognition of the You, recognition of the He, matrix of identity, Moreno, Lacan.

De uns tempos a esta parte identifico-me com a perspectiva de uma psicologia relacional. Compreendo-a como um estudo do ser humano por meio de suas relações: *Eu-Eu*, *Eu-Tu*, *Eu-Ele[a]*, *Eu-Nós*, *Eu-Vós*, *Eu-Eles[as]*. A neurociência social (Goleman, 2006), ao revelar as funções das células fusiformes e dos neurônios-espelho, dá sustentação ao fato de que o cérebro foi programado para o ser humano se relacionar. Os neurônios-espelho permitem a uma pessoa captar tanto os movimentos como os sentimentos de outra, predispondo-se a senti-los ao mesmo tempo. Esses achados oferecem uma base neurológica aos fenômenos da empatia e do *tele* (empatia em duplo sentido) na medida em que revelam que o cérebro humano apresenta um sistema especializado para o relacionamento interpessoal.

As ideias de J. L. Moreno, a teoria do *attachment* de John Bowlby (1907-1990), os aportes psicanalíticos de Heinz Kohut (1913-1981), a filosofia dialógica de Martin Buber (1878-1965) e alguns conceitos relacionais da psicanálise, como o de transferência e do complexo de Édipo, fundamentam, preponderantemente, a psicologia relacional. Nos últimos anos encontrei em Jacques Lacan (1901-1980) muitas respostas

às minhas indagações a respeito do desenvolvimento da criança e da matriz de identidade de Moreno. O reflexo desses achados será observado ao longo deste texto.

O destaque a essas diversas contribuições revela que o estudo do ser humano é sempre fronteiro e que neste caso obedece a um eixo que chamo de psicologia relacional.

A linguagem relacional

A psicanálise postula que a libido busca prazer; a concepção relacional propõe que o homem busca relações. Nesta busca entram em jogo forças de atração, repulsão e neutralidade que resultam em *campos relacionais* que contêm uma dinâmica de *poder relacional* entre seus integrantes. Essa dinâmica está diretamente ligada à segurança-insegurança relacional quanto à díade relação-separação. No polo da separação habita o medo da perda, do abandono e da aniquilação. No polo da relação habita o prazer e a alegria da concretização de um esperado momento relacional.

Antigas expressões da psicologia e da psicanálise, muitas delas, ambíguas, por terem ganhado domínio público, foram aqui adaptadas a uma linguagem relacional.

O leitor encontrará, por exemplo, a expressão *poder relacional* guardando correspondência com o conceito de falo da psicanálise, apesar de não representá-lo completamente. O aspecto de valor e, portanto, de poder do falo foi aqui resgatado como um *poder relacional* que se situa dentro de um *campo relacional*. A expressão perversão/perverso, como justifico no correr do texto, ganha a denominação atuação/atuador. Lacan traduz a castração como uma interdição, proibição, uma lei familiar que é instituída durante a triangulação. Em termos da linguagem relacional é preferível então utilizar *interdição/proibição* no lugar de castração. As expressões *função materna* e *função paterna*, utilizadas, eventualmente, por Lacan, vem ao encontro do conceito de matriz de identidade, onde não se fala propriamente de uma mãe ou de um pai, mas de uma rede relacional, familiar e social que envolve a criança. Por decorrência, entra também a *função fraterna* instituindo outra dinâmica característica, a da aliança e da rivalidade entre os iguais.

Entremos agora no tema principal desta abordagem, historiando e resumindo a contribuição de Moreno.

A matriz de identidade de Moreno

J. L. Moreno e sua então esposa, Florence Bridge Moreno, publicaram, em 1944, um texto sobre o conceito de *matriz de identidade*. Logo depois, esse escrito (“Teoria da espontaneidade do desenvolvimento infantil”) foi incluído no livro *Psychodrama – Volume I* (1946). Os autores explicam que a *matriz de identidade* representa a rede relacional primária que envolve a criança desde o momento em que os pais se enamoram, incluindo interativamente fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. Essa matriz compreende, portanto, o processo de aprendizagem relacional da criança. Ela delinea uma teoria do desenvolvimento infantil e, por conseqüência, o esboço de uma teoria da personalidade.

A *matriz de identidade* contempla um *primeiro* e um *segundo universo*. No *primeiro universo* a criança não diferencia pessoas de objetos, não distingue fantasia (Moreno utiliza a palavra ‘fantasia’ como sinônimo de imaginário¹) de realidade, vive somente o tempo presente, apresenta relações indiscriminadas. Em seguida, o bebê começa a distinguir objetos de pessoas e passa a demonstrar preferências relacionais. A *matriz de identidade* caminha, portanto, de um estado total fusionado-indiferenciado para um diferenciado.

O *segundo universo* concretiza-se quando a criança vivencia a ‘brecha entre a fantasia e a realidade’. A partir desse momento, ela deixa de exercer somente os papéis psicossomáticos (de respirador, ingeridor, urinador etc.) do *primeiro universo*, e acrescenta o exercício dos papéis psicológicos ou do imaginário, relativos ao mundo da imaginação, e o exercício dos papéis sociais, relativos ao mundo da realidade. Nesse momento, já existe uma distinção entre o Eu e o Outro, entre o Eu e o Tu.

A *matriz de identidade* foi originalmente descrita em cinco fases. A primeira corresponde à completa identidade do bebê com o seu meio. O bebê necessita de um duplo (ego-auxiliar) para a sobrevivência. Por este motivo, essa fase é denominada *fase do duplo*. A segunda caracteriza-se pelo fato de a criança concentrar a atenção no ‘outro’ e estranhar parte dele. A terceira separa o ‘outro’ da continuidade da experiência, e seria a fase do espelho; nela aconteceria a mencionada ‘brecha entre a fantasia e a realidade’. Na quarta fase, a criança já consegue desempenhar (imaginariamente) o papel do ‘outro’; ela é o cachorro, o herói, o jogador de futebol etc. Na quinta etapa, a inversão da identidade é completa: a criança consegue desempenhar o papel do ‘outro’ diante de uma terceira pessoa que, por sua vez, desempenha o dela. Aqui ela não só desempenha o papel do ‘outro’, como aceita, no ‘como se’, que outra pessoa desempenhe seu próprio papel. Essa fase também é conhecida como *fase da inversão de papéis*.

Acrescento, inspirado em Rojas-Bermudez (1977), que no reconhecimento do Eu e do Tu ocorre um processo corporal-psicológico pautado pela evolução do reconhecimento do dentro-fora do bebê. Ele tem a sensação de fome localizada no estômago saciada pela boca, estabelecendo o reconhecimento do segmento estômago-boca. Logo depois, reconhece, por intermédio da evacuação e da micção (intestinos-ânus e bexiga-uretra), o segundo segmento, concluindo o circuito fora-dentro-fora. Nesse momento se completa também a consciência do Eu e do Outro.

A quinta etapa da matriz de identidade moreniana já leva em conta o envolvimento de três participantes, a criança, o papel do ‘outro’ que ela desempenha e o seu papel desempenhado por outra pessoa, sem que Moreno deixe claramente configurado um triângulo relacional. Em textos posteriores (1974[1959]), ele reduz o esquema de cinco para três fases, diminuindo ainda mais a importância do ‘terceiro’ no complexo relacional: identidade do Eu com o Tu – fase do duplo; reconhecimento do Eu – fase do espelho; e fase do reconhecimento do Tu.

Moreno não aprofunda o estudo do triângulo relacional na matriz de identidade. Em uma das poucas vezes que o aborda, comenta criativamente que a rigor ele seria composto por três complexos: de Laio, de Jocasta e de Édipo, ou seja, pelos sentimentos

¹ Emprega-se mais frequentemente o termo ‘imaginário’ como aquilo relativo à imaginação. Em Lacan, entretanto, a expressão ganha o sentido de uma ilusão ou engodo em termos da apreensão turvada psicologicamente que a criança faz de si mesma na fase do espelho, ou, em termos da ilusão ou alienação que ela realiza quando ainda semifusionada ao corpo da mãe.

mobilizados sociometricamente nos três componentes e não em um só. A verdade é que essa lacuna permaneceu aberta na teoria moreniana, esperando por complementação.

Rojas-Bermudez (1978) utiliza a expressão *triangulação* em sua teoria do Núcleo do Eu. Utilizei a mesma expressão em uma nova proposta da matriz de identidade (Fonseca, 2008[1980, 2008]).² Retomo o tema denominando-a também de ‘reconhecimento de Ele’, como continuidade do ‘reconhecimento do Eu’ e do ‘reconhecimento do Tu’, propostos por Moreno (1946).

O estádio do espelho em Lacan

Lacan inspira-se em Henri Wallon (1879-1962) para discorrer sobre o *estádio do espelho*, em 1936, durante um congresso realizado em Marienbad, República Tcheca. Em 1949 publica “O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica”. Nesse texto, situa a consciência da unidade do corpo pela criança entre os seis e os dezoito meses, fato anterior ao domínio da fala (linguagem). Esse processo constitui a passagem de um corpo fragmentado para um corpo ‘ortopédico’. Esse período precede ao ‘complexo de Édipo’.

A fase do espelho traduz-se simbolicamente pelo momento de júbilo que a criança experimenta ao reconhecer-se pela primeira vez diante de um espelho: “Eu existo!”. O curto-circuito de surpresa e alegria pontua a semente de um Eu ideal e de um Eu que irão se desenvolver em continuação.

Na simples imagenzinha exemplar da qual partiu a demonstração do estádio do espelho – o chamado momento jubilatório em que a criança, vindo captar-se na experiência inaugural do reconhecimento no espelho, assume-se como totalidade que funciona como tal em sua imagem especular – porventura já não lembrei desde sempre o movimento feito pela criancinha? ... Ou seja, a criança se volta ... para aquele que a segura e que está atrás dela ... que, através desse movimento de virada de cabeça, que se volta para o adulto, como para invocar seu assentimento, e depois retorna à imagem, ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem. (Lacan, 2005a[1962-1963], p.41)

A fase do espelho compreende a captação que a criança faz de si mesma, a partir da relação que estabelece com sua matriz de identidade. Destaco aqui esse aspecto relacional, uma vez que é a partir da troca dos influxos emocionais entre a criança e as pessoas que compõem sua matriz que vai se decodificando, interpretando e formando o esboço do Eu ou do sujeito. Como a criança identifica-se com a imagem que lhe é passada, acentua-se o caráter do real-imaginário que lhe é conferido. Nesse processo de reconhecimento físico-psicológico, o real se confunde com o imaginário e com o simbólico que logo depois se delinea.

Existe, portanto, uma confusão primária entre ‘o que eu sou’ e ‘o que me passam que eu seja’, onde ‘os desejos e projetos da matriz que me envolve se confundem com

² A proposta contempla uma visão da matriz de identidade segundo as seguintes fases: indiferenciação, simbiose, reconhecimento do Eu ou espelho, reconhecimento do Tu, relações em corredor, pré-inversão de papéis, *triangulação*, circularização e inversão de papéis (Fonseca, 2008[1980]).

minhas próprias apreensões'. E essa dúvida existencial básica – quem sou? – acompanha o ser humano por toda a vida. O sujeito jamais chega a captar completamente algo que insiste em lhe escapar. Fala-se então que essa identidade se pautava em um suposto engano, o qual gera dúvidas que nunca se desfazem. Nesse período transitivo entre a fusão com a mãe-matriz e a própria identidade, há sempre alguma confusão entre a imagem do outro e a sua. Parafraseando a conhecida expressão psicanalítica de que 'a criança é o desejo do desejo da mãe', poderíamos dizer, em termos psicodramáticos, que 'a criança é o desejo do desejo da matriz de identidade'.

O estágio do espelho é o encontro do sujeito com aquilo que é propriamente uma realidade e, ao mesmo tempo, não o é, ou seja, com uma imagem virtual, que desempenha um papel decisivo numa certa cristalização do sujeito... (Lacan, 1999[1957-1958], p.233)

Assinale-se, portanto, que tanto em Moreno como em Lacan atribui-se importância ao outro no núcleo da experiência especular. Como diz Kaufmann (1996, p.159), "o sujeito se vê suspenso a seu próprio olhar, como uma espécie de duplo marcado com o selo do olhar do outro". A expressão lacaniana 'movimento de balança' é empregada no sentido de que a criança oscila entre ela e o outro no reconhecimento de si mesma.

A fase do espelho ou do *reconhecimento do eu* ganha uma conotação filosófica, 'o conhece-te a ti mesmo', na medida em que expressa o esforço pelo autoconhecimento. Representa a busca por um *Eu verdadeiro*³ ou por um *Eu ideal*. Esse drama da criação tem seu contraponto na figura dos deuses. Estes, sim, conseguem atingi-lo em seu sentido de perfeição, harmonia e totalidade: *Eu sou o que sou*.

Evolução, desenvolvimento e temporalidade

Como fase preliminar da discussão dos três tempos da triangulação, cabe uma discussão sobre evolução, desenvolvimento e temporalidade, uma vez que constituem conceitos que apresentam relações. A teoria evolucionista darwiniana concebe a vida como uma rede genealógica que acompanha a descendência e suas modificações. Modificações que não acontecem linearmente, mas em saltos geracionais. A compreensão da natureza humana inclui a evolução filogenética e o desenvolvimento ontológico que envolve aspectos embriológicos, neurológicos, psicológicos e sociais. Em qualquer dessas possibilidades existe um componente comum: o movimento. O movimento é a essência da vida. Ele acontece linearmente ou aos saltos.

A psicanálise freudiana, historicamente, tem um pé no desenvolvimento biológico, ao levar em conta a descrição da sexualidade infantil nos estádios oral, anal e fálico. A fase fálica seria o esboço mediante o qual, após a triangulação edipiana e o período de latência, a criança chega à organização genital da adolescência. Esse seria um resultado desenvolvimentista bem sucedido. Paralelamente, Freud apresenta uma compreensão psicológica e psicopatológica a partir das noções de fixação e regressão.

³ Utilizo a expressão *Eu verdadeiro* como uma metáfora de um *Eu* sempre buscado e nunca atingido. Para Lacan o *Eu* é uma constante ilusão.

Com isso ele estende a concepção do evoluir libidinal para o desenvolvimento do Eu. A partir desses eixos propõe a ideia da dualidade entre o princípio do prazer e o da realidade. Como esses esquemas não se revelam totalmente adequados, apesar de servirem de inspiração para muitos seguidores, Freud propõe o dualismo das pulsões de vida e de morte.

Gondar (2006) comenta que a menção ao tempo é freqüente na obra de Freud, apesar de não haver nela um conceito específico para tal. A palavra alemã *Nachtraglich*, com o sentido de *a posteriori*, ganhou traduções diferentes em francês e em inglês. Em francês tomou a forma de *après coup* e em inglês de *deferred action* (ação adiada ou protelada). A diferente tradução decorreu de variações culturais na apreensão da temporalidade. A escola inglesa aponta para uma temporalidade processual, progressiva, continuada onde cabem as fixações e regressões, enquanto a francesa sugere um golpe, uma ruptura, uma descontinuidade, acontecida em um instante. Os franceses não valorizam as etapas sucessivas do desenvolvimento. Eles valorizam a reorganização das contingências anteriores a partir de uma ruptura com o que era anterior.

A partir daí penso que a escola francesa se aproxima da noção de um tempo vivencial ou existencial ou até mesmo do conceito de *momento* de Moreno que também não está atrelado ao tempo cronológico. Para este autor, o momento seria um momento criativo e, portanto, reorganizador de conservas culturais anteriores.

Lacan, apesar de sua formação médica, libera a psicanálise das amarras somáticas, levando-a para o domínio da cultura e da linguagem. Aqui se insere a questão de como cada um, em sua história singular, se submete simbolicamente ao tempo. Este aspecto, o da singularidade simbólica, distingue um desenvolvimento genérico de uma história particular.

Compreendo os tempos existenciais⁴ se sobrepondo aos cronológicos, pois estes correspondem aos trilhos biológicos do desenvolvimento. A simbolização, por exemplo, só acontece porque o córtex cerebral encontra-se em um nível de desenvolvimento neurológico suficiente para a criança simbolizar suas vivências. Há, portanto, dois tempos envolvidos nesse processo: um desenhado por uma linha horizontal que retrata o desenvolvimento biológico/neurológico – o tempo cronológico – e outro delineado por uma linha vertical que representa as simbolizações que a criança realiza de suas perdas e ganhos existenciais – o tempo existencial (chamado de lógico pelos lacanianos).

Penso que a criança passa por um processo em que suas fases de desenvolvimento são registradas de alguma forma, e que nessa ‘memória orgânica’ estão incluídos o consciente, o inconsciente, o neurológico e o psicológico. Trata-se de um processo em que cada etapa ressignifica as anteriores e onde a noção de linearidade é substituída pela de estrutura, rede ou sistema.

Vamos então examinar a triangulação em termos de três tempos existenciais que acontecem em uma sucessão que, como vimos, não é necessariamente cronológica. O tempo existencial constitui outra dimensão temporal. Talvez seja mais uma lógica da ação e da deliberação do que uma lógica do tempo. Significa algo que é atingido como uma verdade antes mesmo que esta possa ser verificada, ou seja, a afirmação de uma certeza antecipada. Trata-se de um tempo próprio e intrínseco ao sujeito, vivenciado em uma situação relacional.

⁴ Passo a denominar de tempo existencial aquele que não se enquadra como tempo cronológico. Desta maneira preservo a linguagem fenomenológico-existencial mais afeita ao teor deste trabalho.

Mas, detenhamo-nos nesse ponto em que o sujeito, em sua asserção, atinge uma verdade que será submetida à prova da dúvida, mas que ele não poderá verificar se não atingisse, primeiramente, na certeza. (Lacan, 1998[1966], p.206)

Os três tempos da triangulação: o reconhecimento do eu, do tu e do ele

A *fase do espelho* representa ainda um aspecto tosco da identidade. Ela ganha um ‘acabamento’ com o processo da triangulação, na medida em que se acrescenta uma complexificação relacional fundamental para o exercício da vida adulta. Trata-se de um processo de transição que se inicia quando a criança identifica seu corpo na descontinuidade do corpo dos outros (desfusão), integra os segmentos parciais de seu corpo em uma nova unidade e mergulha no processo da triangulação.

O primeiro tempo existencial que compreende o *estádio do espelho* e o *reconhecimento do eu* revela o ‘assujeitamento’ do bebê aos cuidados maternos. A mãe-matriz aparece então como onipotente aos olhos do ‘assujeito’, que está em processo de tornar-se um ‘sujeito’. Nessa dialética relacional, a criança acredita que a mãe-matriz é ou tem todo o poder. Essa total dependência da *função materna* engendra as primeiras experiências de frustração, uma vez que a criança está à mercê do outro e do Outro.⁵

A criança vivencia relacionalmente o prazer de o outro-mãe-matriz estar com ela. Isto a faz acreditar que também possui o poder de atrair a mãe-matriz. Então, nesse primeiro tempo, tudo se passa como se não houvesse nada além da mãe, pois o *terceiro* ainda se apresenta de forma velada à consciência da criança.

O *segundo tempo do Édipo* representa a saída da criança do ‘acoplamento materno’. A consciência da ausência da mãe, que contraria seu desejo de estar com ela, faz que a criança perceba que a mãe busca algo ou alguém, não a ela. Lacan refere-se a esse momento como um ‘ponto nodal’, e ultrapassá-lo significa a saída da mistura com a mãe-matriz. As agruras da criança nesse período incluem uma dupla decepção: a primeira, de sentir-se impotente (sem o poder) em atrair a mãe, e a segunda, de perceber a ‘fraqueza’ da mãe em não bastar a si mesma, ou seja, revelar que a mãe necessita um outro. A mãe é assim como ela, sem poder: “O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quisesse, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela – é o *x*” (Lacan, 1999[1957-1958], p.181).

Instaura-se um enigma – o *x* da questão – sobre o que desejará essa mãe além da criança. O que ou a quem a ela busca? A ausência materna instiga seu preenchimento com algo substitutivo. A falta é preenchida com a presença simbólica de um objeto, e aqui está consagrado o objeto transicional winnicottiano. A criança deposita no objeto transicional, como se ele estivesse impregnado magicamente da energia materna, a ilusão de que não sofreu a perda. Mas, em algum momento, essa ilusão desemboca inevitavelmente na desilusão. Porém, lidar com esse objeto ‘mágico’ institui na criança o princípio lúdico do brincar onde um brinquedo não é somente um brinquedo, mas muito mais do que isso.

⁵ O Outro grafado com maiúscula representa o outro carregado de significantes simbólicos.

Evidencia-se então que há um desejo da mãe por outrem, mesmo que ela retorne à criança. A ida-e-volta da mãe está imortalizada na literatura psicanalítica por meio do jogo do *fort-da* realizado pelo neto de Freud (1980[1920]). Outros jogos infantis representam essa angústia-prazer da relação-separação: a brincadeira do ‘cadê-achou’ e, mais tarde, o jogo do ‘esconde-esconde’ ou do esconderijo.

Do ponto de vista da criança, portanto, nesse momento a mãe deixa de desaparecer para sempre, para nunca mais voltar, como ela interpretava inicialmente suas ausências. Agora, estabelece-se a presença-ausência motivada pela busca do *terceiro*. Se nem ela nem a mãe são ou possuem o poder relacional, ele deve situar-se além, nos domínios do *terceiro*. Este passa então a fazer parte do jogo relacional como uma instância superior em que lhe é atribuída a interdição ao contato com a mãe, uma vez que o *terceiro* estabelece simbolicamente o pode-não-pode, a norma, a lei. Claro que esse poder transcende a qualquer pai real, que pode existir ou não, na medida em que estamos falando da lei simbólica instituída pelo *terceiro* da matriz de identidade. Falamos de função paterna, de metáfora paterna ou ainda do processo de inscrição simbólica do Nome-do-Pai⁶ no pequeno ser.

É importante assinalar que, nesse interjogo triádico, o *segundo* (mãe) exerce uma função mediadora entre o *primeiro* e o *terceiro*, de modo a justificar o ditado popular: “A criança enxerga o pai pelos olhos da mãe”. Ou seja, ganha importância como a *função materna* traduz ou como a criança compreende a tradução de quem é o *terceiro*. Na triangulação leva-se em conta o interjogo relacional (sociométrico) entre os três elementos coparticipantes do processo, cada um com sua energia, em termos do resultado final.

O fato de a mãe buscar o *terceiro* e retornar à presença da criança instiga a revelação da função doadora deste último. Ela vai, recebe e retorna. Agora se instaura o terceiro tempo da triangulação, em que o *terceiro* perde a conotação de ser somente proibidor/castrador para ser descoberto também como permissivo e doador. O *terceiro* é aquele que tem algo, supostamente, a dar para a mãe e para a criança. Ele agora é encarado como detentor de algo que pode circular pelo triângulo relacional, agora plenamente estabelecido, e passa da condição de ser somente carrasco para a condição de ser também herói: ao *não* acrescenta-se o *sim*.

O espectro relacional dual absolutista anterior é substituído por um espectro relacional triádico relativista. A alternância da ausência com a presença, do ser com o não ser, do ter com o não ter, promove uma flexibilização psicológica fundamental ao triângulo original. A criança capta que pode receber e dar algo ao segundo e ao terceiro. Nesse momento, a inversão de papéis com os dois outros componentes do triângulo, proposta por Moreno, é também assinalada por Lacan:

Ora, não podemos articular esse complexo, sua cristalização triangular, suas diversas modalidades e sequências, sua crise terminal, dita declínio, sancionada pela introdução do sujeito em uma dimensão nova, a não ser na medida em que o sujeito é ao mesmo tempo ele próprio e os dois outros parceiros. (Lacan, 2002[1956-1957], p.226)

⁶ Lacan utiliza inteligentemente um trocadilho entre *le nom* (o nome) e *le non* (o não) do pai na triangulação, ou seja, ao mesmo tempo que interdita também nomina.

O terceiro tempo da triangulação estabelece uma organização básica da afetividade para o futuro adulto. A descoberta do fluxo amoroso entre o *primeiro* e o *terceiro*, ou o aparecimento da dialética amorosa entre o pai e o filho, transforma a ótica da criança em relação à função paterna. Da perspectiva onipotente do segundo tempo, ela passa a olhá-la como potente. Esse é o momento da dissolução, da solução, ou talvez fosse melhor dizer da ‘diluição do complexo de Édipo’, porque algo sempre resta para contar a história. Esse também é o momento básico da constituição da identidade sexual. A criança ‘resolveu’ a primeira crise de identidade existencial e sexual/amorosa da maneira que lhe foi possível. Entra na chamada fase de latência, ‘adiando’ para a adolescência a segunda crise de identidade.⁷ Ingressa na vida adulta na expectativa da realização de seus anseios amorosos. Se vai conseguir e em que medida vai conseguir, o futuro dirá.

Os traços estruturais constituem o resultado das emoções e dos sentimentos suscitados e recalçados no percurso psicológico abordado. Entenda-se o ‘recalque’ como a dinâmica básica do inconsciente. O recalque tem origem na interdição do incesto impulsionando o amor-desejo sexual do adolescente e do adulto para o espaço extrafamiliar – fora do círculo da proibição. O recalque, como observa Coelho dos Santos (2008), seria o aprendizado da ética do desejo, ao contrário do uso sem lei dos prazeres. A consequência do recalque leva ao livre usufruir do prazer sexual adulto.

O campo relacional e o poder relacional

Aproveito a paráfrase “sou o desejo do desejo da matriz de identidade” para abordar outro aspecto em nossa discussão, o conceito de poder relacional, que irá permear toda a exposição sobre os três tempos da triangulação. Na verdade, transponho, como já comentado, o conceito de falo da psicanálise para a questão do poder dentro do campo relacional. De tal forma, que a reformulação da matriz de identidade proposta com a introdução da triangulação ou do Reconhecimento do ‘Ele’ apresenta uma dialética cujas alternativas são ‘ser ou não ser o poder’, ‘tê-lo ou não tê-lo’ – e no lugar que este último ocupa em termos do desejo dos três protagonistas. Portanto, esse poder relacional define lugares e impõe limites aos três participantes do campo relacional.

O poder relacional é introduzido pela ‘função paterna’ mediadora, ou seja, o poder que o terceiro introduz na relação da criança com a mãe e desta com a primeira. Neste sentido, distingue-se privação de interdição: a primeira constitui a falta real do objeto, enquanto a segunda remete à marca da interdição/proibição, no sentido da introdução de uma ‘lei’ que passa a operar no conjunto relacional. Emprego propositadamente a palavra ‘operar’ para indicar que algo se passa como uma operação ‘cirúrgico-psicológica’ que nomeia ou renomeia a criança em sua identidade.

O poder relacional, portanto, remete a um significante de valor em relação à presença-ausência. A leitura relacional dessa dinâmica revela que a *triangulação* ou o *reconhecimento do ele* se insere em um *campo relacional* no qual acontece uma luta baseada na busca, na tentativa de manutenção e no medo de perder esse poder relacional. A moeda de troca do poder relacional é ser desejado (amado) pelo outro.

⁷ A terceira crise de identidade ocorre na entrada da senescência e tem correspondência com as duas anteriores (a da primeira infância e a da adolescência).

Trata-se de ‘quem tem e pode perder’, e de ‘quem é e pode deixar de ser’ esse poder relacional.

A observação clínica conduz a inúmeras possibilidades psicodinâmicas. Quais seriam os arranjos psicossociodinâmicos internalizados no primeiro, no segundo e no terceiro tempo da triangulação? Quais as consequências em termos de fluidez e bloqueios no percurso triangular? Quais os silêncios e os ruídos do trajeto? Este é o espaço que se abre para a discussão de estruturas tipológicas e psicopatológicas da personalidade.

As estruturas e o percurso triangular

Cada criança faz a travessia da etapa triangular edipiana de acordo com as características interno-externas de suas condições relacionais. Ao considerar a passagem ‘normal’, no sentido estatístico, pela fase triangular, teremos de considerar, em consequência, um espaço além e outro aquém dessa média. Teremos, de um lado, um extremo ideal, utópico, no qual aconteceria a solução perfeita do complexo. A ‘metáfora paterna’ se inscreveria de forma fluente. Mesmo assim, isso não significaria que o sujeito atravessasse esse período sem alegrias e sofrimentos, uma vez que falamos do aprendizado da relação e da separação.

As experiências de separação no decurso da matriz de identidade articulam as vivências de privação, frustração e interdição. As três representam a bateria que alimenta a relação do sujeito com o mundo. A privação representa a falta real de um objeto. A frustração significa a falta imaginária, algo que supostamente teria sido ‘injustamente’ retirado.

A frustração é, por essência, o domínio da reivindicação. Ela diz respeito a algo que é desejado e não obtido, mas que é desejado sem nenhuma referência a qualquer possibilidade de satisfação nem de aquisição. A frustração é por si mesma o domínio das exigências desenfreadas e sem lei. (Lacan, 1995[1956-1957], p.36)

A interdição/proibição/castração remete à falta simbólica de um objeto. A castração, introduzida por Freud como interdição ao incesto na estrutura do Édipo, ganha em Lacan a conotação de uma dívida simbólica que confirma ou sanciona a lei e, como contraparte disto, a punição. A psicoterapia da neurose seria o trabalho em torno de algo que não está completamente elaborado em termos de privação, frustração e interdição.

É inevitável passar por esse período sem as dores do crescimento, em que vicejam os sentimentos básicos do homem. Para fazer frente a esse turbilhão emocional, surgem os recalques ou, de outra maneira, os mecanismos de defesa ou amortecedores no sentido de evitar ou diminuir as dores inerentes ao processo.

A criança organiza estratégias relacionais para diminuir ou evitar a dor da separação e para prolongar o prazer da relação. *As marcas* das diferentes fases do aprendizado da *relação* (ansiedade-esperança, prazer-amor, alegria-felicidade) e da

separação (ansiedade-medo, raiva-ódio, tristeza-depressão) delineiam os traços estruturais principais e secundários da personalidade em formação.

A triangulação fluente significa a possibilidade de viver bem apesar da falta. Significa apreender o relativo da vida e abrir mão do absoluto dela. A triangulação é uma lição de humildade. Neste sentido, temos de ressaltar as marcas positivas dessa experiência e da liberdade que ela traz: ‘sei o que posso e o que não posso fazer’. Aqui se abre um grande espaço de movimentação existencial.

Prefiro pensar em uma variação entre fluência e bloqueio da espontaneidade no enfrentamento/evitação da dor do corte, da cisão, durante a triangulação. Alguns encontram soluções mais criativas, outros, menos criativas e outros, ainda, não encontram soluções, restando-lhes o bloqueio dos pontos dolorosos.

Da triangulação à circularização

A *triangulação* transporta o sujeito da instância familiar para a dimensão social, para a *circularização*. A proibição do incesto leva o sujeito para fora do âmbito familiar. Essa proibição separa o biológico, a natureza (função materna), do cultural (função paterna). A criança acrescenta ao mundo sensorial da função materna a esfera intelectual da função paterna.

As amarras da sexualidade intrafamiliar proibida são trocadas pelos laços da afetividade sexual interfamiliar permitida. Estabelece-se uma nova ordem onde acontece o intercâmbio de varões e donzelas: a chegada do ‘estranho’, vindo de outra família, é bem-vinda.

Bacha (2008) ressalta a importância da educação como aliada da função paterna, uma vez que uma de suas funções é ajudar a criança a ‘desgrudar da barra da saia da mãe’, ou seja, colocá-la no âmbito do social, da cultura e da vida.

Pelo fato de não ser lacaniano, as considerações acima me deixam confortável para fazer uma leitura própria dos três tempos do Édipo. Penso que as neuroses conseguem realizar uma melhor discriminação da ‘brecha entre a fantasia e a realidade’ no que se refere a suportar a dor da separação e da perda; conseguem completar o circuito triangular, recebem a inscrição do Nome-do-Pai.

Nesse sentido, há os que ficam ‘aquém’ da solução apontada. O medo e a evitação do enfrentamento com essa perda primordial (cósmica, relacional e sexual) faz que alguns ‘optem’ por outras ‘soluções’ parciais, como denegando ou desmentindo-a (atuadores/perversos) ou não realizando-a (psicóticos). Cada criança reage de maneira característica à privação da função materna na matriz de identidade, sulcando trilhas psicodinâmicas que delineiam diferentes tipos de personalidade. Nesse diagnóstico ganha importância se a criança consegue e como consegue fazer a simbolização da falta. Isto é o mínimo a se considerar na determinação da estrutura psicológica do sujeito⁸.

⁸ Para maiores dados sobre estruturas clínicas consultar Fonseca (2010).

Cicatrizes da maturação

Lacan utiliza o símbolo \$ ('s' barrado) para referir-se ao sujeito⁹ que realizou a castração (interdição) simbólica e tornou-se um neurótico. Esse símbolo ganha a conotação de fendido, cortado, cindido, e o neurótico assume-se como tal. Nessa proposta, o *sujeito* está subordinado a uma estrutura que o define, ou seja, há um elemento que se expressa socialmente e outro, velado-inconsciente, que o determina.

Nesse sentido, a triangulação ganha a conotação de 'marca' simbólica. Uma alegoria possível seria imaginar a barra do \$ como uma tatuagem (cicatriz) com o Nome-do-Pai. O atuador/perverso também a possuiria, mas a negaria, utilizaria disfarces, faria de conta que não tem. Nessa mesma analogia, o psicótico não teria realizado a tatuagem. Ostentaria, na melhor das hipóteses, a figura de um pai social carimbado superficialmente na pele, assim como as crianças brincam de fazer tatuagem.

Finalizando

Reservo este espaço para alinhar alguns pontos que ficaram apenas esboçados ou deixados de lado no decorrer do texto. A primeira colocação dirige-se a uma visão do processo de desenvolvimento. Compreendo-o como parte de um processo universal, uma vez que o homem situa-se em um planeta submetido às forças cósmicas de expansão e de gravitação. Do ponto de vista psicológico, a primeira força impulsionaria a criança para frente, para um distanciamento da matriz original. A segunda força imprimiria uma contenção ao movimento anterior, tracionando-a ao retorno matricial.

Pudemos observar no decorrer do texto as forças de expansão e de gravitação atuando no percurso da triangulação. Elas podem ainda servir de parâmetro para os conceitos de desenvolvimento, fixação e regressão e para a inclusão do incesto como um desejo de retorno ao útero materno/cósmico.

Outro ponto a discutir tem a ver com o processo de relação-separação, especialmente em seu polo da separação. Vimos que esse processo acontece em três instâncias: a primeira representa o desfusãoamento da criança de sua matriz, culminando com a fase do espelho; a segunda contém o aprendizado da separação em relação às figuras de sua matriz afetiva primária; e a terceira coincide com a consciência da identidade de gênero: tenho um pênis ou não tenho, e qual o valor simbólico disso. Decorre daí a afirmação de que o pênis não é o falo, mas nem sempre a literatura psicanalítica deixa isso totalmente claro. Michele Roman Faria (2003) esclarece que Freud relacionou o complexo de castração à questão anatômica, enquanto Lacan o remeteu à função simbólica da função paterna, ou ao pai.

Se a anatomia por si só não é o fator decisivo e se a construção da identidade sexual depende de um organizador simbólico mais amplo, em termos da triangulação edipiana, ganha força a colocação de que o processo da relação-separação como um todo apresenta um contorno mais abrangente do que somente a dimensão sexual.

⁹ Fink (1998) refere-se ao 'sujeito dividido de Lacan', uma vez que para este o sujeito não é senão essa própria divisão, o sujeito fendido, dividido ou barrado (\$). Fica claro, portanto, que para Lacan não existe o 'indivíduo' neurótico, ele é sempre um 'divídio'. Em termos de psicologia relacional, falamos de múltiplos 'eus parciais' constituintes do Eu global. O coerente seria então falarmos em 'multidivídio'.

Outro ponto, decorrente do anterior, é que, em termos da linguagem psicanalítica tradicional, o recalque infantil advindo do processo da triangulação que perdura no adulto tem sempre um conteúdo sexual traumático. O sintoma seria a manifestação desse trauma. O processo psicanalítico constituiria, portanto, a tentativa de reconstrução da história sexual do sujeito. Neste cotejo de abordagens e de linguagens, teríamos de falar, de forma ampla, que o processo terapêutico deve ser compreendido como a tentativa de reconstrução da história existencial do sujeito, que inclui sua história sexual.

Encontra-se com alguma frequência na literatura psicanalítica a afirmação de que o ser humano está ‘condenado’ à falta. Esta colocação é parcial, na medida em que leva em conta somente um polo da relação-separação: a separação. O verbo ‘condenar’, nesse contexto, torna-se exagerado, uma vez que remete à ideia de crime ou pecado, assim como Adão e Eva foram expulsos do Paraíso. A psicologia relacional vê o homem destinado à falta, à busca e aos encontros da vida.

Não questiono que na sucessão de imagens especulares algo sempre fica de fora. Não questiono também que a falta da qual falamos está na dimensão do simbólico. E muito menos que existe sempre um ‘resto’ que insiste em faltar nas relações humanas – isso nos remete ao ‘objeto a’, ao vazio e ao nada de Lacan (2005a[1962-1963]). Aliás, nesta questão, respiro aliviado em saber que para Lacan não existe um significado final, ou seja, nunca se chega a uma verdade absoluta.

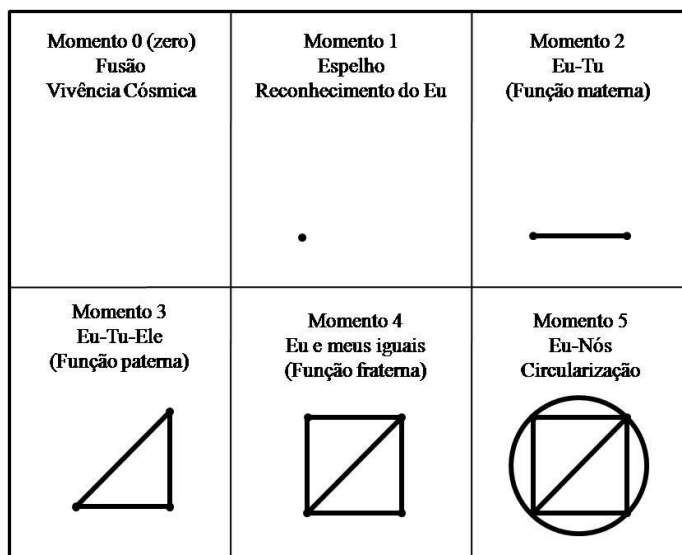
Um dos pilares da teoria moreniana é o *cânone da criatividade*, no qual coexistem interdependentemente os conceitos de espontaneidade, criatividade e conserva cultural. O fluxo espontâneo obedece a um movimento que parte de algo integrado, fusionado, para algo novo que se diferencia do estado anterior e que se inclui e se estabiliza em uma nova ordem. Esse movimento é sucessivo, circular e interminável. Ele constitui o ritmo do Universo, da natureza e do homem, em uma crescente complexificação. O trio composto pela espontaneidade, criatividade e conserva cultural abriga, portanto, a falta, a busca e o encontro em um contexto maior que inclui todas as ciências, entre elas, a física, a química, a biologia, a psicologia, a sociologia e a filosofia. Essa ‘lei’ universal regeria também o desenvolvimento psicológico, marcando o ritmo de nossas faltas, buscas e encontros existenciais.

A matriz de identidade de Moreno apresenta o psiquismo ‘dualizado’ em ‘realidade-fantasia (imaginário)’. Lacan, inspirado no estruturalismo, apesar de não se assumir como tal, propõe uma visão triádica¹⁰ do homem: além da dimensão do real e do imaginário, existe a do simbólico. A inclusão da *triangulação* ou *reconhecimento do Ele* na matriz de identidade ganha corpo com a contribuição lacaniana. Os conceitos de ‘função materna’ e ‘função paterna’ e, por decorrência a ‘função fraterna’, apesar de pouco utilizados por Lacan, se encaixam perfeitamente na concepção moreniana, uma vez que, no desenvolvimento da matriz, existe uma dimensão social e cultural que transcende o papai-mamãe da psicologia tradicional.

A integração de algumas ideias sobre o desenvolvimento infantil pode ser resumida metaforicamente nos seguintes momentos da matriz de identidade: o ‘momento zero’ corresponde à vivência de unidade cósmica do embrião e do feto no ventre materno (fase umbélico-placentária) e nos primeiros meses de vida (fase do duplo); o ‘momento um’ está representado pela fase do *espelho* ou *reconhecimento do*

¹⁰ Além do real-imaginário-simbólico, encontramos ainda outros trios na obra lacaniana: neurose-perversão-psychose, necessidade-demanda-desejo, falta-vazio-nada, privação-frustração-castração.

Eu (“Eu existo”); o ‘momento dois’ representa a relação da criança com a *função materna* da matriz de identidade ou *reconhecimento do Tu*; o ‘momento três’ constitui a relação triangular edipiana ou *reconhecimento do Ele* estabelecida com a *função materna* e com a *função paterna*; o ‘momento quatro’, não discutido extensamente neste texto, corresponde à inclusão da *fratria* (dos semelhantes) no triângulo; e o ‘momento cinco’ está representado pela inclusão do sujeito no círculo da sociedade.



Enfim, estes comentários se respaldam em atitudes filosóficas diferentes que, deixados de lado os sectarismos, podem se enriquecer mutuamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHA, Marcia Simões Corrêa Neder. Atenas e a gestação paterna. *Lacan pensa a educação* 9, São Paulo: Ed. Segmento, ano 2, p.30-39, 2008.
- BOWLBY, John. *Loss: sadness and depression*. London: The Tavistock Institute of Human Relations, 1980. (Attachment and Loss, v.3).
- COELHO DOS SANTOS, Tânia. Lacan pensava que é proibido proibir. *Lacan pensa a educação*, São Paulo: Ed. Segmento, v.9, ano 2, p.50-58, 2008.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Estruturas clínicas e constituição do sujeito*. (Apostila). São Paulo, 2008.
- FARIA, Michele Roman. *Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo de Freud a Lacan*. Taubaté (SP): Ed. Cabral, 2003.
- FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Trad.: Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Título original: *The lacanian subject between language and jouissance*).
- FONSECA, José. *Psicodrama da loucura*. (1980). 7.ed. São Paulo: Ágora, 2008.
- FONSECA, José. “Interseções entre Moreno e Lacan: a triangulação e o reconhecimento do Ele”, in SALTINI, Claudio e FLORES, Herval Gonçalves

- (orgs.). *Lacaneando: idéias, sensações e sentidos nos seminários de Lacan*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, 1968.
- _____. Mais além do princípio do prazer. (1920). In: *Obras completas*. v.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência social: o poder das relações humanas*. Trad.: Ana Beatriz Rodrigues. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. (Título original: *Social intelligence*).
- GONDAR, JÔ. “Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise”. Rio de Janeiro: Revista Agora, Junho, Vol. 9, nº 1, p. 103-117.
- KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Trad.: Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. (Título original: *L'apport freudien: éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse*).
- KOHUT, Heinz. *Self e narcisismo*. Trad.: Pedro Henrique Bernardes Rondon. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. (Título original: *The search for the self*).
- LACAN, Jacques. *Escritos/Jacques Lacan* (1966). Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Título original: *Écrits*).
- _____. *O seminário, Livro 3: as psicoses* (1956-1957). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Trad.: Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. (Título original: *Le séminaire de Jacques Lacan, Livre III: les psychoses*).
- _____. *O seminário, Livro 4: a relação de objeto* (1956-1957). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Trad.: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (Título original: *Le séminaire de Jacques Lacan, Livre IV: la relation d'objet*).
- _____. *O seminário, Livro 5: as formações do inconsciente* (1957-1958). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Trad.: Vera Ribeiro. Rev.: Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Título original: *Le séminaire de Jacques Lacan, Livre V: les formations de l'inconscient*).
- _____. *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Trad.: Vera Ribeiro. Versão final: Angelina Harari. Rio de Janeiro: Zahar, 2005a. Título original: *Le séminaire de Jacques Lacan, Livre X: l'angoisse*).
- MORENO, Jacob Levy. *Psicodrama* (1946). São Paulo: Cultrix, 1993.
- _____. *Psicoterapia de grupo e psicodrama* (1959). Trad.: Antônio Carlos Massaroto Cesarino. São Paulo: Mestre Jou, 1974. (Título original: *Gruppenpsychotherapie und psychodrama: einleitung in die theorie und praxis*).
- _____. *Psychodrama – first volume* (1946). Beacon (NY): Beacon House, 1977.
- MORENO, Jacob Levy; MORENO, Florence Bridge. Spontaneity theory of child development. *Sociometry*, v.VII, 1944.
- ROJAS-BERMUDEZ, Jaime Guillermo. *Introdução ao psicodrama*. Trad.: José Manoel D'Alessandro. São Paulo: Mestre Jou, 1977. (Título original: *¿Qué es el psicodrama?*, 1966).
- _____. *Núcleo do Eu*. São Paulo: Natura, 1978.

Nota: O texto integral deste artigo constitui um capítulo do livro *Lacaneando: idéias, sensações e sentidos nos seminários de Lacan*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

Endereço do autor: fonseca@daimon.org.br